

HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



Elsa Serra

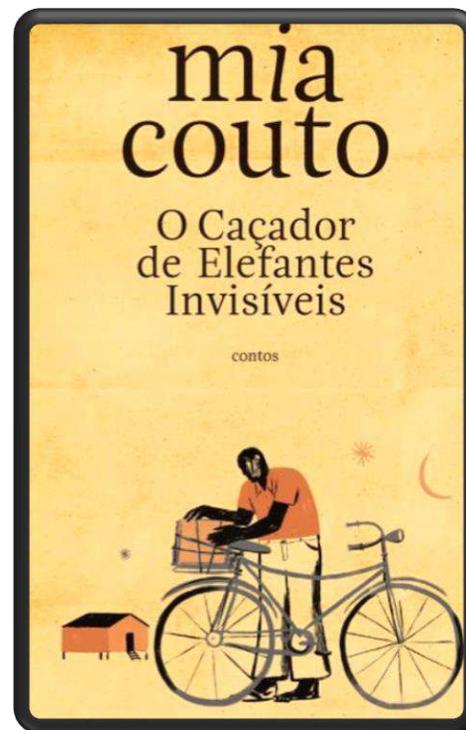
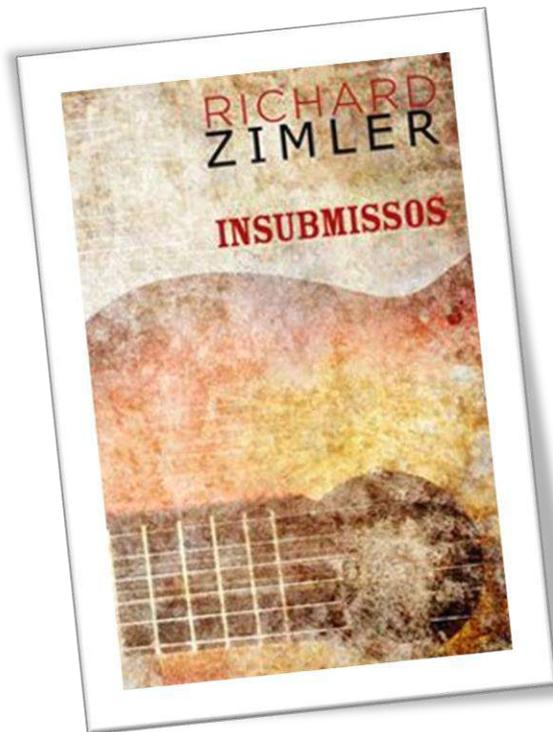
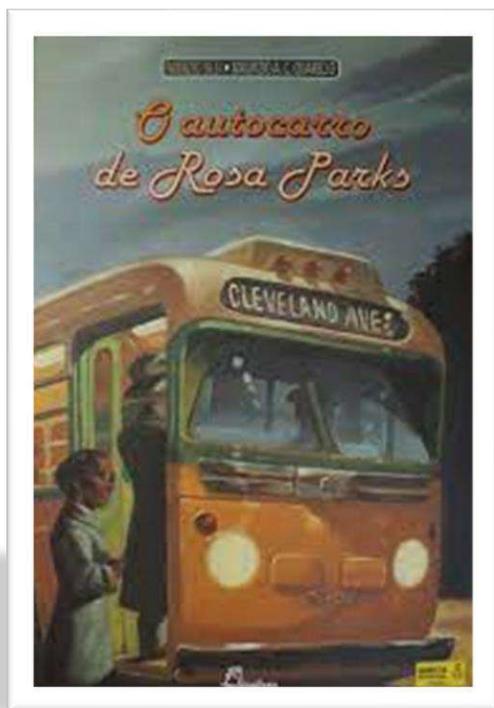
José Saro

**Dimensão científico pedagógica para os grupos
200, 210, 220, 300,320, 330, 340 e 350**

e-learning: 25 horas

*«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO
INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVO QUE PROMOVE A EQUIDADE
PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»*





CF *Histórias iguais com finais diferentes*

4ª sessão - conteúdos

O perfil do leitor e a seleção de leituras que garantam o acesso universal a todos. Atividades de promoção da leitura: atividades de informação, lúdicas, responsabilizadoras e de aprofundamento que agilizem o direito de todas as crianças e alunos ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos. Seleção de fundo documental inclusivo para e exercícios de oralidade e reescrita.

Tarefas “o que não se vê...não se lembra...!”

- 1ª num espaço inesperado capta uma imagem inclusiva (a metáfora também conta...) e discorre sobre ela.
- 2ª seleciona uma imagem de um objeto de arte (livro, escultura, disco...) identifica-o e explica a razão da seleção.



Göreme, Capadócia, Turquia



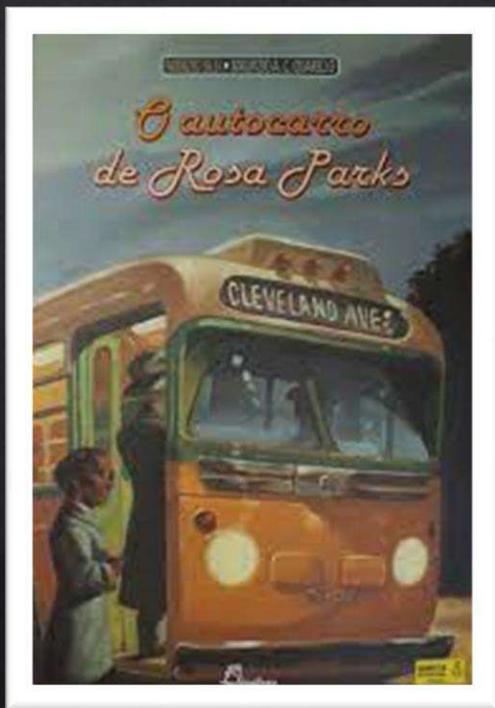
As Buracas do Casmilo freguesia do Zambujal, Condeixa-a-Nova.



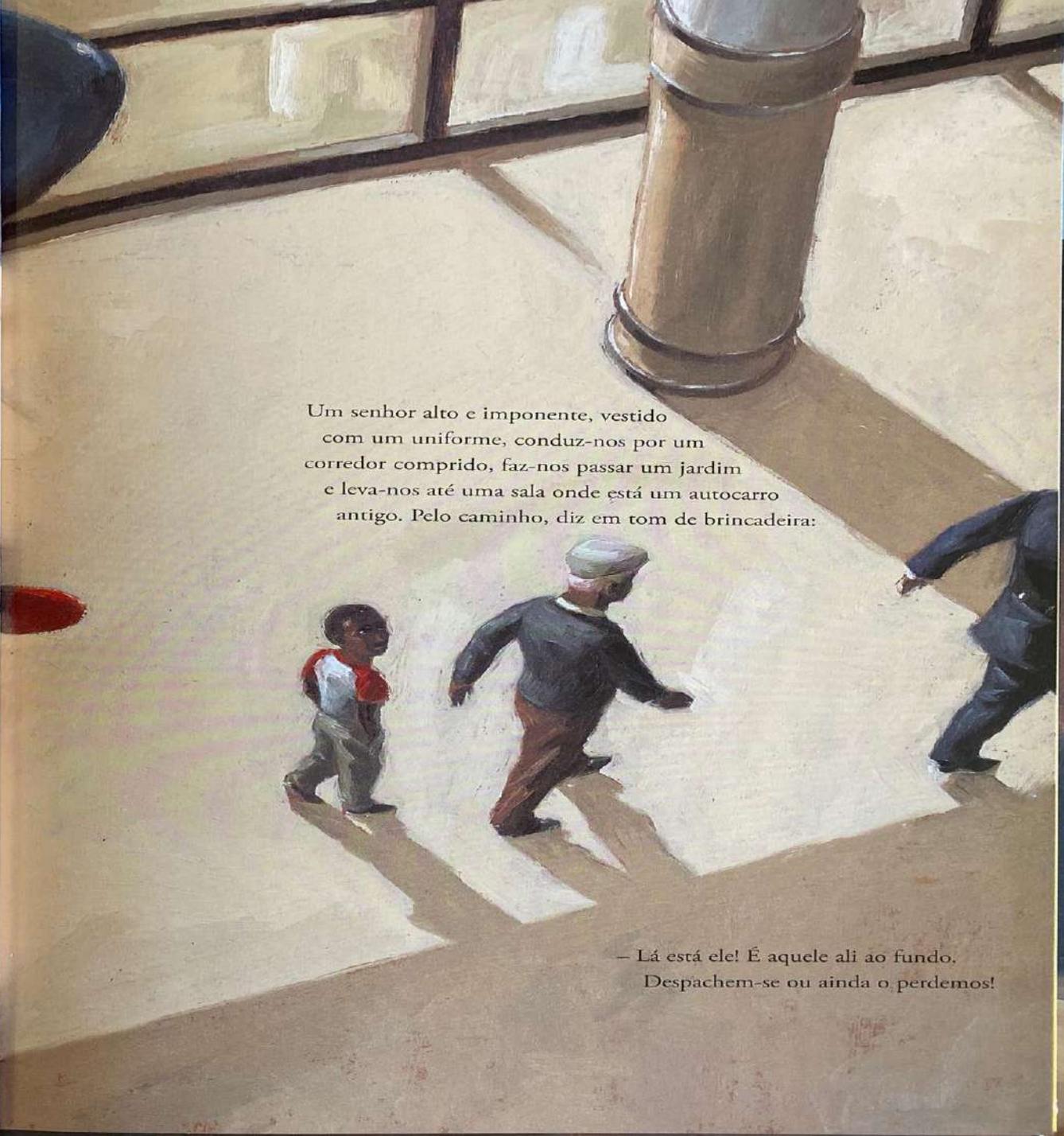
Uma visita do neto e do avô ao Museu Henry Ford em Detroit. Sentam-se no mítico lugar onde a 01.12.1955, Rosa Parks (costureira negra de 44 anos) se manteve no seu lugar e não o cedeu a um branco. Esta atitude convicta e serena despoletou uma atitude de recusa em andar de autocarro e foi potenciada pelo corajoso Martin Luther King.

O avô, um dos passageiros negros, que não teve a coragem de Rosa, quis honrar essa mulher levando o seu neto ao autocarro para lhe passar a ideia que um pequeno gesto pode muito fazer pela justiça e igualdade. Quantos autocarros têm passado por ti? Não fiques inativo, assume a tua parte. Nelson Mandela também apanhou um autocarro como este e resistiu à segregação e ao apartheid.

Não é por acaso que a Amnistia Internacional Portugal associou o seu logo à edição deste belo livro que vale não só pelo texto de Fabrizio Silei como pelas expressivas ilustrações de Maurizio Quarello.

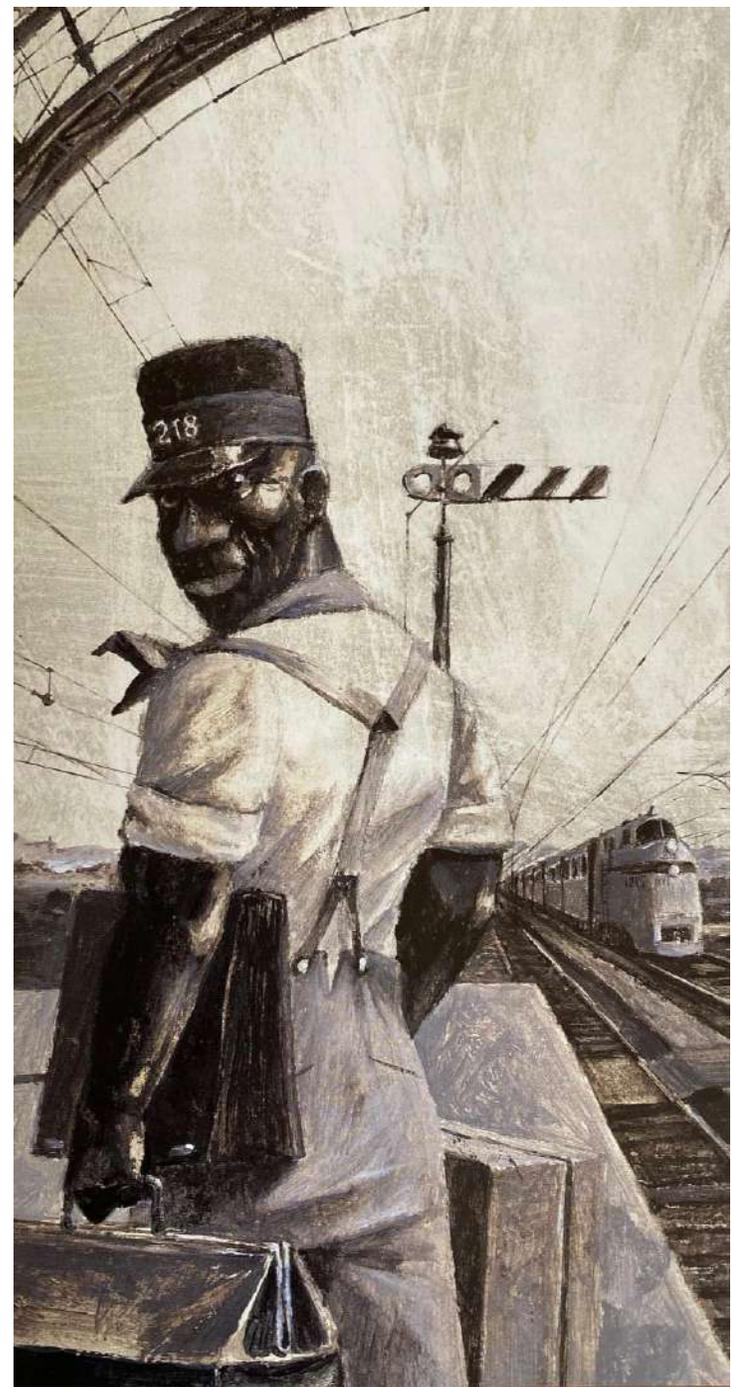
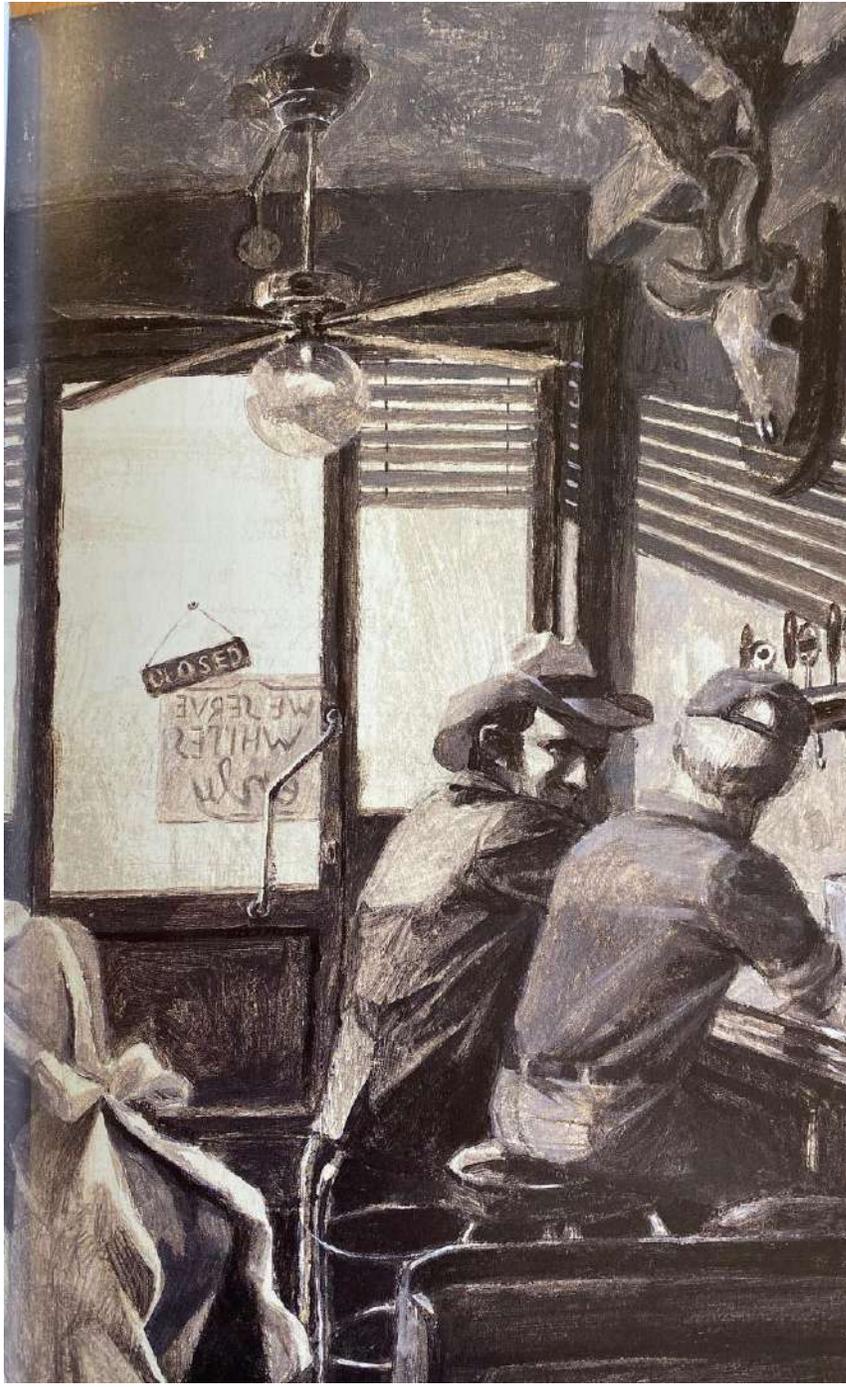
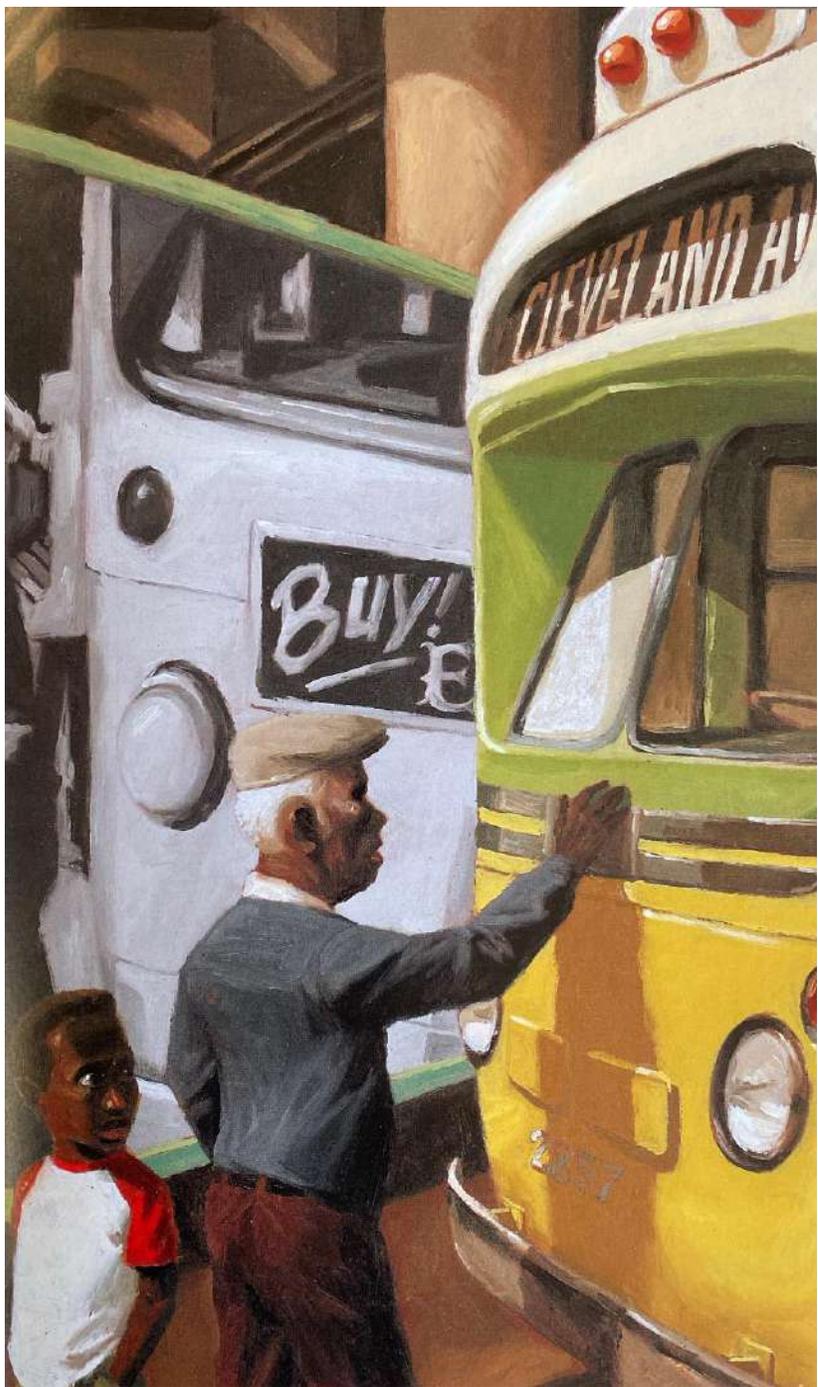


Para ser lido e lembrado este gesto de resistência à segregação e ao apartheid protagonizado por uma simples mulher, associando-lhe os nomes de grandes figuras da luta contra o racismo: Martin Luther King e Nelson Mandela.



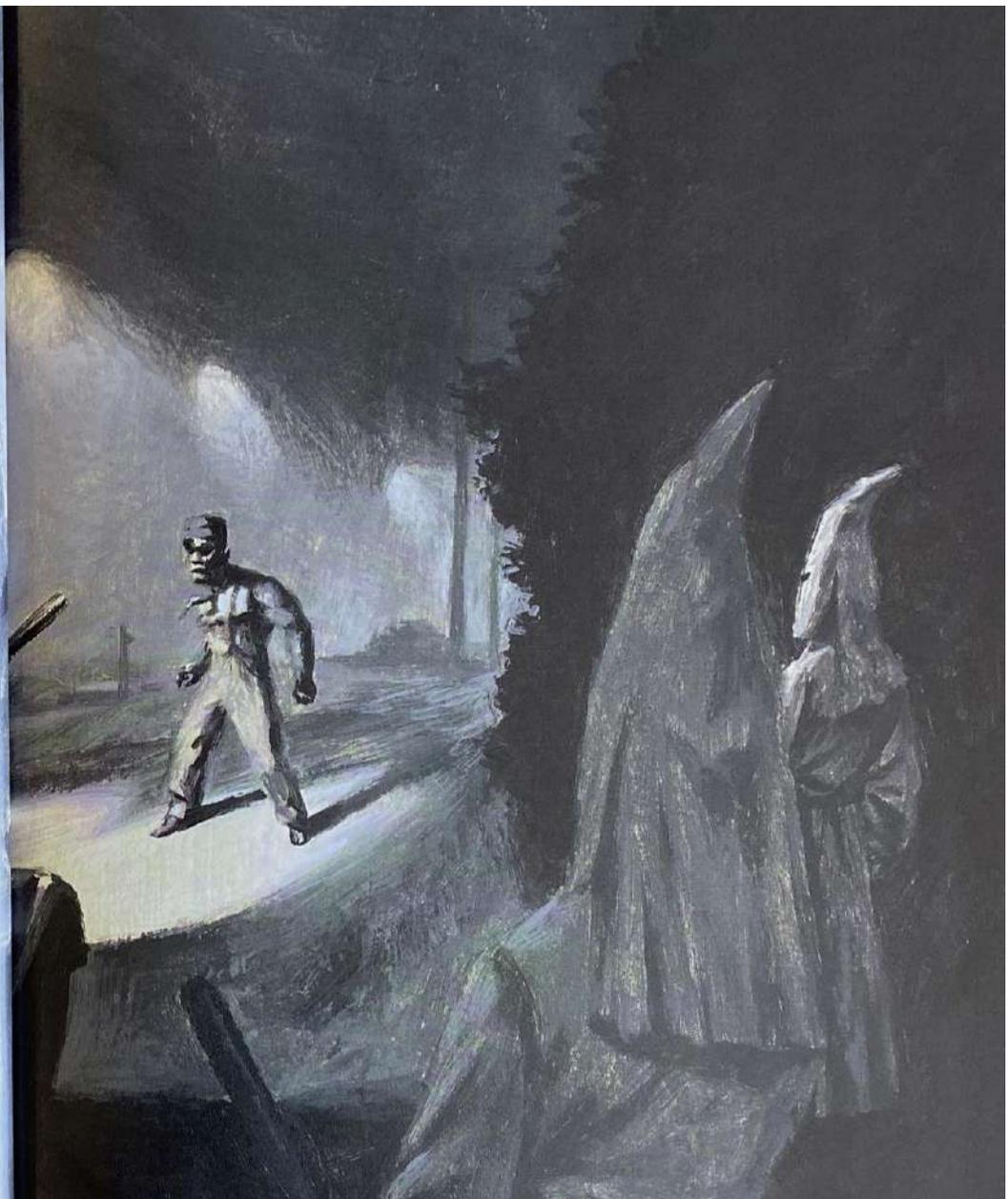
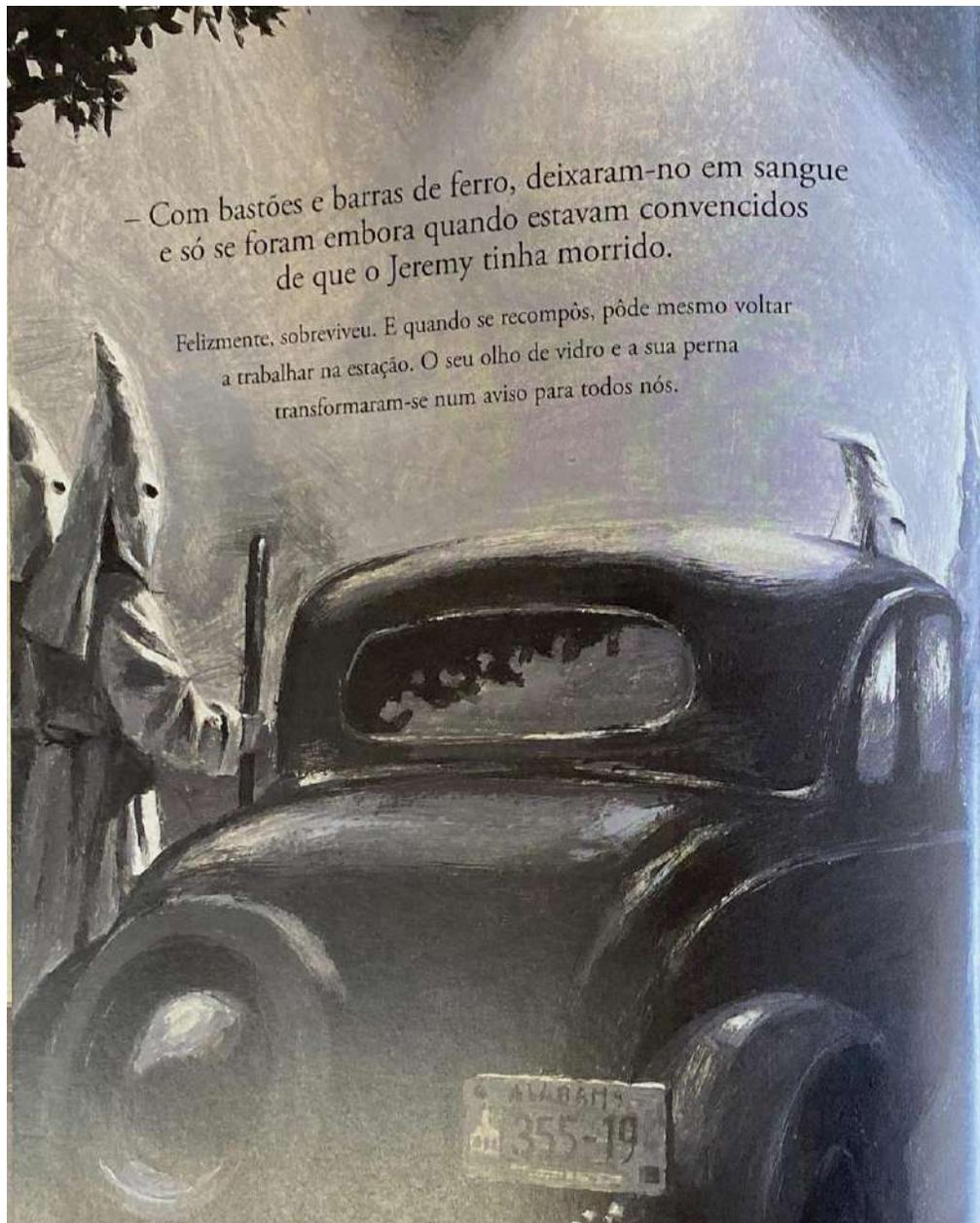
Um senhor alto e imponente, vestido
com um uniforme, conduz-nos por um
corredor comprido, faz-nos passar um jardim
e leva-nos até uma sala onde está um autocarro
antigo. Pelo caminho, diz em tom de brincadeira:

– Lá está ele! É aquele ali ao fundo.
Despachem-se ou ainda o perdemos!

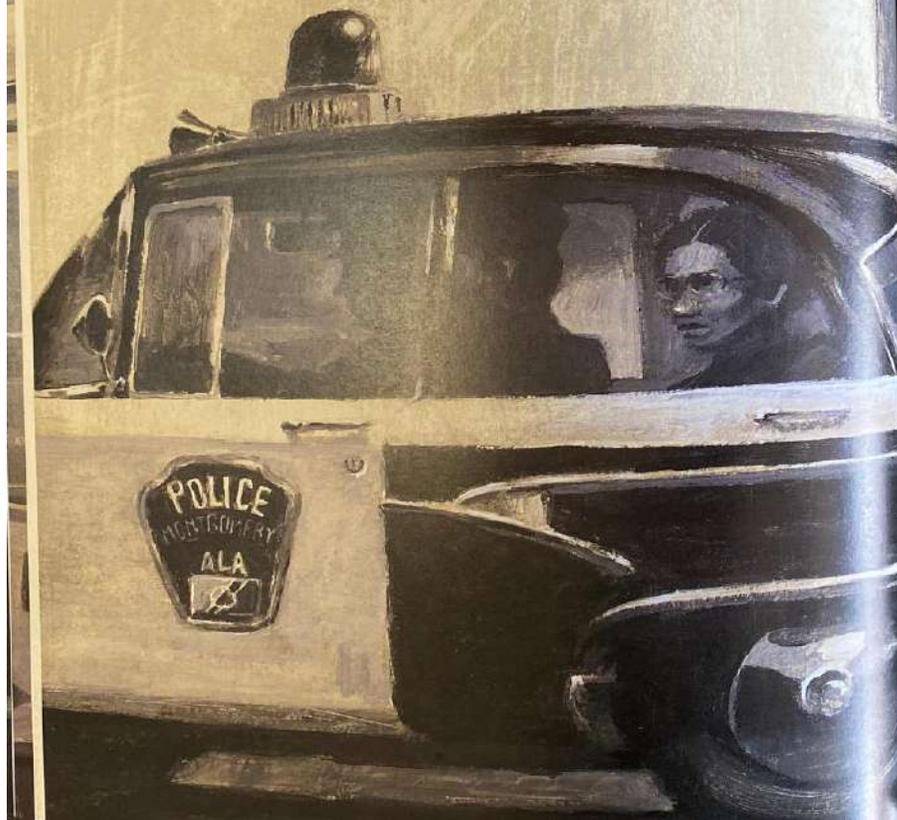


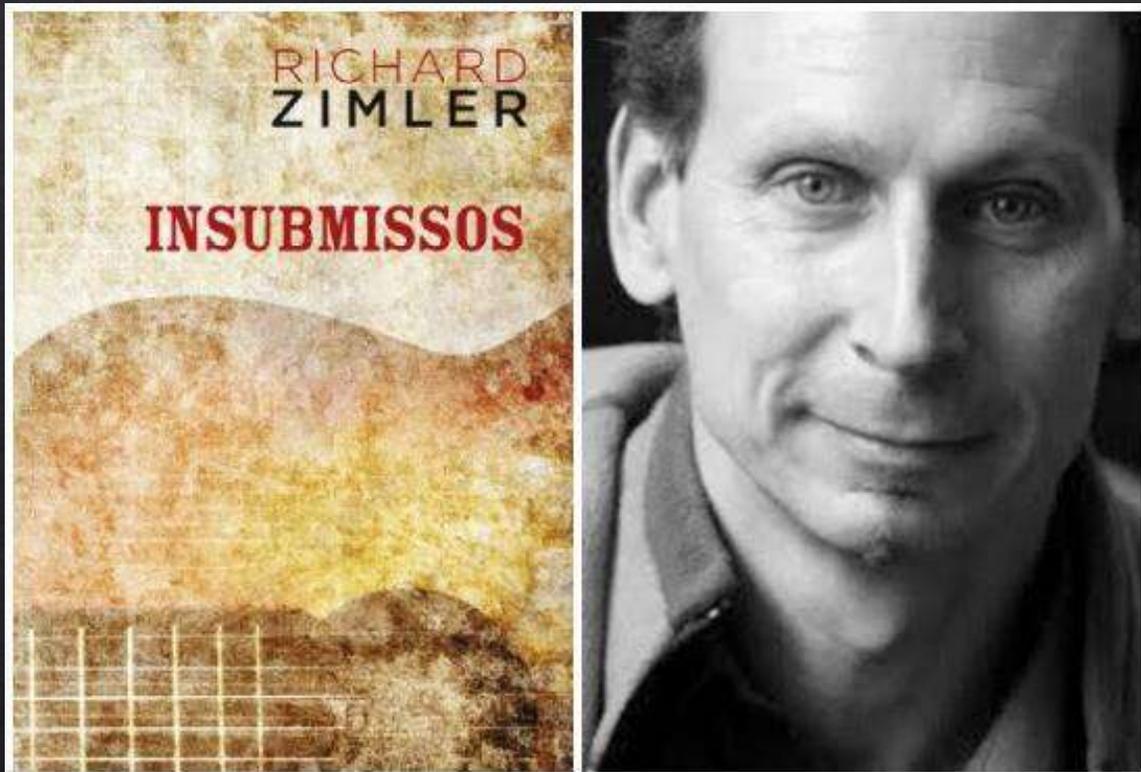
– Com bastões e barras de ferro, deixaram-no em sangue
e só se foram embora quando estavam convencidos
de que o Jeremy tinha morrido.

Felizmente, sobreviveu. E quando se recompôs, pôde mesmo voltar
a trabalhar na estação. O seu olho de vidro e a sua perna
transformaram-se num aviso para todos nós.



— Embora fosse Dezembro, começou a ficar um calor insuportável dentro do autocarro. Alguns dos passageiros brancos abanavam a cabeça em sinal de desaprovação. «Onde é que vamos chegar?», perguntava uma senhora fitando-nos com ressentimento. Um velhinho negro, de pé, diante de mim, aproximou-se da Rosa e quase lhe suplicou: «Minha senhora, ainda há tempo. Levante-se, por favor.» A Rosa, muito quieta, olhou para ele, sorriu-lhe e disse-lhe que não com a cabeça. Pouco depois, o condutor voltou acompanhado por dois polícias, que a agarraram à força para a tirar do lugar. A Rosa permaneceu imóvel e deixou-se transportar até ao carro da polícia, qual rainha no seu baldaquino. Algemaram-na como se fosse uma delinquente e, enquanto isso, eu não fiz nada. Nada de nada.





Meu bem-amado Carlos,

Agora que acabaste de ler a minha última carta para Harold, já posso dizer-te que aconteceu uma coisa inesperada e terrível, e que é por isso que tenho de te escrever. Não, ainda não te posso dizer o que é; as pessoas que têm medo precisam de se reger por regras bem firmes, senão perdem a coragem e hesitam; portanto, decidi contar-te tudo por ordem cronológica.

Também tenho de te contar algumas coisas a meu respeito. Em breve, poderás ser o único que resta, talvez até nos salves a todos, pelo que precisas de saber tudo.

Imagina um conto de fadas, Carlos: num dia, eu tenho onze anos e estou a passear de bicicleta com o meu irmão por um bairro que cheira a churrascos, sombreado por carvalhos. Paramos em Gardener's Hill, lemos livros de quadrinhos e jogamos ao «mata» com uma bola de borracha *Spalding*. Depois, sentamo-nos no passeio e falamos sobre os nossos professores.